

PERCEPÇÕES SOBRE A ESCOLA CAMPO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Erika Leticia de Almeida Silva¹

erikalet92@gmail.com

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Uern

Profa. Me. Maria Cleoneide Soares²

cleoneidesoares@uern.br

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Uern

RESUMO

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência vivenciado em uma Unidade de Educação Infantil pública na zona urbana da cidade de Mossoró/RN, propiciado por um Componente Curricular obrigatório, Estágio Supervisionado na Educação Infantil do Curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Este estudo tem como objetivo refletir sobre a escola do campo de estágio na Educação Infantil. Para tanto, como fundamentação teórica, esta pesquisa pautou-se com base nos estudos de Alves e Sgarbi (2001) que explana a respeito do saber olhar nos espaços e imagens na escola; Hoffmann (2011) que aborda sobre a avaliação na pré-escola; A pesquisa é caráter qualitativa baseada em Bogdan e Biklen (1994, p. 16). E para a produção das informações utilizamos o relato de experiência. O relato de experiência está baseado em Josso (2004). Em síntese, o Estágio Supervisionado na Educação Infantil contribuiu significativamente para a formação acadêmica, profissional, além de possibilitar um olhar investigativo para conhecer as múltiplas relações do âmbito escolar, assim como particularidades, os desafios e dilemas existentes que envolve a práxis do professor.

Palavra-chave: Estágio Supervisionado, Educação Infantil, Relato de Experiência.

INTRODUÇÃO

Considerando a importância do olhar reflexivo, principalmente no que concerne ao âmbito educacional, objetivamos com este trabalho refletir sobre a escola Campo de Estágio na Educação Infantil. Para tanto, este trabalho surgiu a partir de discussões elaboradas em sala de aula no 5º período de Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN do componente curricular

¹ Graduanda de Pedagogia na Faculdade de Educação, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Uern. E-mail: erikalet92@gmail.com

² Professora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. E-mail: cleoneide_s@hotmail.com

Estágio Supervisionado na Educação Infantil em que as professoras/orientadoras trabalharam o exercício do: como eu vejo a escola hoje (antes de ir para a observação na unidade escolar); como percebi à escola após à observação e como vivenciei à escola durante o período de regência.

Para isto, utilizou-se como suporte teórico Hoffmann (2011) que trata sobre a avaliação na pré-escola, a importância de ter cuidado nas avaliações nesta etapa, bem como o olhar mais sensível e reflexivo sobre a criança e Alves e Sgarbi (2001) que explana a respeito do saber olhar nos espaços e imagens na escola. Este trabalho está dividido em dois tópicos, no primeiro um breve esboço sobre como eu percebia a escola antes da observação, ou seja, com um olhar mais externo e no segundo como passei a perceber a escola depois da observação do estágio supervisionado na educação infantil, agora com um olhar mais próximo da realidade escolar.

Esta pesquisa é qualitativa baseada em Bogdan e Biklen (1994, p. 16), os autores assinalam que nesta os dados recolhidos são designados por qualitativos por serem “ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas”. E na narrativa de experiência com base em Josso (2004, p. 49), ela afirma que: “A experiência constitui um referencial que nos ajuda a avaliar uma situação, uma atividade, um acontecimento novo”.

Portanto, inferimos o Estágio Supervisionado como um componente de grande relevância para formação acadêmica, bem como para futura prática pedagógica, em que propicia aos respectivos alunos da Faculdade de Educação a importância do olhar investigativo como elemento fundamental para o exercício da prática docente.

COMO EU PERCEBO A ESCOLA HOJE

O exercício de pensar em como percebo à escola hoje torna-se um pouco/tanto difícil, pois parece-me que à escola se encontra longe da minha realidade, visto que já faz algum tempo que terminei o ensino médio e agora me encontro na posição de aluna que objetiva ser professora. Desta forma, embora minha mente detenha-se apenas ao olhar da prática pedagógica, este exercício retoma as inúmeras memórias de leituras, estudos e de vivências ainda como aluna no decorrer desta trajetória de estudos.

Assim sendo, a partir de um olhar externo e não aprofundado, vejo a escola

como uma instituição de fundamental importância para a sociedade. Apesar dos inúmeros desafios que esta instância tem enfrentando atualmente, à escola tem sido um grande oponente aos inúmeros ataques, procurando sempre enfrentar esse sistema com muita convicção.

Não obstante aos imensuráveis problemas, ao que vejo os os professores têm buscado se qualificar ainda mais em suas formações na perspectiva de melhorar o ensino e atuação em sala. No entanto, tem sido insuficiente para os governos, pois à cada dia que passa esta instituição tem passado despercebida pelas políticas públicas.

A importância da valorização desses profissionais, os investimentos nas instituições escolares, dentre outros fatores, são estratégias que precisam tomadas para uma melhor organização do ensino público.

Acredito que a escola é o principal meio para uma mudança social. A escola como o processo de formação de sujeitos ativos, participativos, também como formação humana. Para isso, acredito além do apoio governamental é preciso que haja uma parceria entre pais e escola, pois percebo que a escola tem enfrentado muitos problemas de seus alunos sozinha e isso é um outro fator que precisa ser refletido e mudado.

Os pais dos alunos precisam entender que é a partir da participação na escola, do acompanhamento educacional de seus filhos e acima de tudo avaliando como princípio educador, e não a escola como a principal educadora dos bons modos, mas como um caminho para um melhor ensino e formação do seu filho desta forma o ensino efetivamente acontece.

COMO EU PERCEBI A ESCOLA NA OBSERVAÇÃO

Durante esse processo de observação em que julgamos ser “fácil”, surgem muitas inquietações que, como observador precisamos ter cautelas em nossos julgamentos. Segundo Alves e Sgarbi (2001, p.28) “ver é observar a realidade que se apresenta de forma complexa e inteira diante do seu olhar”. Ainda nesse mesmo parágrafo, os autores afirmam que: “ver necessita estar e não apenas passar pelos espaços.” No que diz respeito a essa discussão, tendemos como inexperientes em determinados meios e áreas, principalmente no que tange ao ambiente educacional a simplificar as questões mais complexas de seus processos, pois com base no nosso modo de ver e no que acreditamos ser, supomos que existem coisas e/ou situações que são fáceis de se resolver, porém a vivência nos mostra que não são.

Antes de adentrarmos no espaço escolar, através de rodas de conversas, ouvimos de nossos colegas suas experiências positivas ou negativas que presenciaram na escola, já na expectativa de “quebrar” o medo que é “ensinar”. A partir dessas conversas vamos para a escola com um olhar pretensioso com base numa experiência não vivenciada por nós.

Assim sendo, a escola na qual pude observar, no momento, existe muitos conflitos internos, estes também são discutidos nessas rodas de conversas, mas foi a partir da observação, com um contato mais próximo, que percebemos o quanto estes conflitos são sérios e que acabam afetando toda a comunidade escolar. Estes, dizem respeito à relação dos professores(as) com a gestão escolar, são problemas que aparentemente surgem pela falta do diálogo e compreensão de ambos profissionais.

Essas divergências acabam “prejudicando” o desenvolvimento da escola, gerando ainda mais um mal-estar entre eles. Outro fator que se fez presente nesse período de observação, que já foi relatado no tópico acima foi à relação de pais e professores.

Foi possível perceber que alguns pais não se atentam tanto com a educação escolar de seus filhos. Visto que nas atividades para casa que a professora encaminha, boa parte das crianças voltava com as atividades em branco. Porém, é preciso refletir primeiro sobre esta situação, uma vez que são famílias pobres, residentes de um bairro periférico e de um contexto socioeconômico nada fácil. De forma indireta, a professora diz que não existe uma preocupação por parte dos pais, para com a vida escolar desses alunos. Com base nisso, a autora Hoffmann (2011) afirma que:

O espaço institucional assistencialista, voltado para a satisfação das necessidades de guarda, higiene e alimentação, desqualificado e desatendido em termos de recursos humanos e materiais, revela menor preocupação com a avaliação “formal”. Da mesma forma, não sofre nenhuma pressão das famílias nesse sentido, que aceitam o caráter “depósito” e “guarda” dos filhos, sem exercer qualquer reivindicação sobre o papel educativo ou até mesmo desconhecendo essa possibilidade. (p.10)

Com base na fala da autora, algumas famílias veem a escola como um depósito, um passatempo para seus filhos, não acompanhando seu desenvolvimento educacional. Tais famílias, ainda visam as professoras e a escola como responsáveis por educar seus filhos, omitindo seu papel e responsabilizando a instituição escolar.

Essa zona de conflito que existe entre pais e professores, por muitas vezes é complexo e delicado, uma vez que o sujeito principal que está em jogo é a criança, em que precisa de ambos elementos (pais/professores) para sua formação e para seu desenvolvimento. Portanto uma relação dialógica pode ser o melhor meio para uma relação saudável entre ambos.

Ainda durante a observação algo me chamou a atenção, no que diz respeito a atuação da professora. Compreendendo a importância de ter um olhar mais reflexivo e cuidadoso sobre o meio escolar, observei durante a semana um olhar distante da professora para com seus alunos.

Diante do notado, questiono: será que pela falta de cobranças por parte dos responsáveis, a docente não se sente tão comprometida e motivada para estar mais ativa nas atividades com os alunos? Ou por quais motivos levam a docente ter esta postura, já que a mesma deve propiciar alternativas que contribua com a formação dos sujeitos que ali estão. Na verdade, pude perceber que as atividades propostas pela professora não eram planejadas, ou seja, não eram dirigidas e sim livres, pois as crianças brincavam na sala com jogos de encaixe sempre. Sabe-se que é importante esses momentos de brincadeiras livres com intencionalidade. E durante esses momentos de brincadeiras livre na sala a docente se voltava para o uso do seu aparelho celular, sendo necessário observar o desenvolvimento das crianças nas brincadeiras livres.

No que se refere a essa relação, existe na sala de aula uma criança que apresenta um ritmo de aprendizagem ainda em processo menor se comparado aos seus colegas de classe. Questionei então, a professora sobre esse aluno (cujo nome manterei em anonimato) segundo a professora: “ele não consegue fazer nada, nem mesmo uma bola”. Problematicamos, por que será que está criança não consegue avançar? É por falta de acompanhamento dos pais? Seria necessário um acompanhamento psicológico? Durante o Estágio surgiram várias indagações que a princípio não consigo responder, porém a reflexão paira sobre este momento formativo.

Este relato aconteceu no dia em que foi trabalhada a história da “Menina bonita do laço de fita”, em que a professora pediu para que eles desenhassem a menina, esta criança deixou a atividade em branco por não conseguir fazer o desenho. A partir daí fiquei a observá-lo, e pude perceber que em nenhum momento a professora obteve um olhar para este aluno, no sentido de auxiliá-lo em sua atividade. Daí surge outra indagação, por que ela teve essa atitude já que ela é mediadora do processo de aprendizagem?

Com base na leitura do texto da autora Hoffmann (2011) é preciso que o professor tenha um “olhar sensível e reflexivo sobre a criança”, que esse educador pense mais sobre sua atuação, suas ações, ou seja, que se auto avalie. A autora afirma que:

Como provocar o professor a um olhar sensível e reflexivo sobre a criança que gere uma verdadeira aproximação entre ambos, que o leve a ser ainda mais curioso sobre suas ações e pensamentos? Percebe-se no processo avaliativo, como é difícil para o professor dar-se conta de que o que ele acredita observar da criança é decorrente de suas próprias concepções e posturas de vida. Mesmo que persiga uma avaliação justa, neutra, imparcial, cumprindo uma tarefa que a escola exija, ele se revela ao avaliar, pela releitura própria do que vê. (p.49)

A autora deixa bem claro o que acontece com alguns educadores na maioria das vezes, o olhar mais criterioso sobre suas ações o distancia de um olhar mais sensível sobre o aluno. Por muitas vezes também não percebe que a falta de cuidado, da atenção, de um acompanhamento maior sobre a criança, pode prejudicar seu desenvolvimento, uma vez que ele passará a avaliar de forma injusta, a partir do que ele acredita, assim não percebendo suas ações. A autora Hoffmann (2011) ainda nessa mesma obra diz que:

[...] o professor é o mediador nesse processo e a avaliação enquanto ação se realiza à medida que ela intervém, ele “faz educação”, a partir do que observou e interpretou em termos de desenvolvimento da criança. São justamente esses encaminhamentos que fazem parte do relato da trajetória percorrida por ela: o que vem acontecendo, e de que modo vem acontecendo, no que se refere a todas as relações possíveis entre as crianças e os adultos e entre as próprias crianças, ou ações que se percebem como necessárias a partir desse momento. (p.55)

Portanto, o acompanhamento se faz importante antes mesmo de avaliar, mas se a avaliação for acompanhada de uma intervenção justa e afetiva pode em muitos efeitos melhorar no desempenho da criança. Assim sendo, se o professor como mediador entender que cada criança tem seu tempo, suas peculiaridades, passará a compreender a criança em seu processo e avaliará da forma mais correta, bem como ajudará a refletir suas ações.

COMO VIVENCIEI A ESCOLA

Durante todo esse percurso de reflexão, de construção de saberes, à partilha de experiências entre os colegas de turma, as professoras orientadoras e a professora colaboradora da escola, bem como o olhar agora mais próximo da realidade escolar, surge o desafio de vivenciar a prática docente, de entender um pouco o ser professora em uma unidade pública de uma comunidade carente, que se encontra na periferia da cidade de Mossoró/RN. Daí em diante conhecer os inúmeros sentimentos vivenciados dia após dia pela professora. Na verdade entender um pouco desta realidade que se debruça à mais de dez anos em apenas duas semanas. Agora o eu-aprendiz vivenciará o eu-professor.

Desta forma, no período de regência foi possível compreender que à prática docente é algo que construímos diariamente, dia após dia. Que a cada aula é um novo aprendizado, seja através de uma dúvida de um aluno, seja através dos problemas familiares que eles trazem ou até mesmo por aquele planejamento que não deu certo.

Neste período de regência pudemos entender que até mesmo o planejamento não bem sucedido faz parte da construção da ação pedagógica. Para Lima (2012, p.36) durante à nossa prática pedagógica “recorremos à lembranças de professores que nos influenciaram de maneira positiva ou negativa”. Tais lembranças podem em suma nos ajudar no processo de “identificação com o magistério”. É interessante que em muitas vezes não percebemos que estamos agindo da mesma forma como aquele professor que nos marcou durante a época da Educação Básica, ou até mesmo do Ensino Superior. E isso no Estágio não poderia ser diferente, agora estar à frente de uma turma, com 19 crianças, fez-me em muitas situações vivenciar as inúmeras atitudes que minhas professoras tiveram, tanto os comportamentos positivos até mesmo os negativos.

E não é somente o reflexo de nossos professores que levamos para a sala de aula, muito pelo contrário carregamos junto conosco nossa cultura, nossa identidade em processo de construção, o nosso eu docente ainda em fase de descoberta. E nesse Estágio, podemos nos perceber ou não na escolha de profissão que estamos fazendo, assim como em que quero atuar ao me formar, ou seja, como estagiário vamos nos descobrindo e nos reconstruindo. Lima (2012) reflete um pouco quem é esse estagiário, afirmando que:

Quem é o estagiário? Com o que vai tecendo sua identidade docente? O caráter relacional do conceito de identidade, partindo da indagação ‘quem sou eu’, leva-nos ao reconhecimento que somos particulares, indivíduos que se

afirmam nas suas especificidades e diferenças. À pergunta nos lembra do ser humano, pertencente a um determinado grupo, em determinado tempo, espaço e história. Há um pertencimento que nos identifica pela rua onde moramos, a escola em que estudamos e à igreja que frequentamos. Somos parte de uma família e essa família tem uma história, uma tradição. Temos outros grupos como amigos, os colegas de trabalho, de lazer, de time, de igreja, de associações, entre outros. (p.37)

Desta forma, estamos em constante processo de construção, de identificação em nossa prática. É através da cultura de meus alunos, da minha escola, da comunidade, dentre outros fatores que vamos formando nossa identidade. No processo da construção do eu-professor, através das partilhas, das minhas especificidades, da construção e desconstrução do eu que vou me pertencendo como docente.

Por conseguinte, as vivências propiciadas pelo Estágio Supervisionado são importantes à medida que nos fazem refletir sobre a docência, tal como nos leva a entender que não nos tornamos professores assim de repente, mas é um processo de construção, de acertos, de erros, de experiências, enfim, é um conjunto emanado de “coisas” que nos fazem ser e estar na prática docente.

Portanto, o Estágio Supervisionado como instrumento pedagógico é de grande importância para o aluno de Pedagogia, uma vez que este componente vem firmar à sua própria função que é interligar à teoria e a prática, visto que ambas se completam e se complementam, e não há como separá-las.

Considerações finais

A partir das discussões feitas em sala e dos textos apresentados pelas professoras/orientadoras, foi possível aprender mais e dar mais significado a prática docente. Os textos ajudam em suma a entender a importância do cuidado que o educador precisa ter em suas práticas, a saber, olhar e avaliar os alunos e até mesmo o mundo em sua volta.

Esse modelo de atividade proposto ainda pelas orientadoras nos ajuda a refletir sobre o ambiente escolar, como percebo a escola com um olhar externo, e como passei a ver esta instituição a partir das observações, dentro da sala de aula, ou seja, próximo à realidade na qual julguei antes. Deste modo, as discussões, os textos, a observação, o exercício do saber olhar é essencial para nós alunos de Pedagogia que futuramente estarão atuando a prática docente.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. SGARBI, Paulo. **Espaços e imagens na Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática docente. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HOFFMANN, Jussara. **A avaliação na pré-escola – Um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. Porto Alegre, ed.17, 2011.
- JOSSO, M. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: EDUCA, 2002.
- LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e aprendizagem da profissão docente**. Brasília: liber livro, 2012